

Ex-líderes saem em busca de um novo papel

Para Jospin, Sanguinetti e Guterres, função do instituto é pensar o longo prazo

O papel dos ex-presidentes numa região com democracias recentes, como a América Latina, é um problema cada vez maior e pode ser resolvido com a criação de institutos como o iFHC. “Os ex-presidentes são como os pianos de meia cauda ou aqueles grandes vasos chineses”, comparou o ex-presidente do Uruguai, Julio Maria Sanguinetti. “São muito decorativos, mas é muito difícil encontrar um lugar para eles.”

Ao seu lado, o ex-primeiro ministro francês, Lionel Jospin, emendou: “Alguns têm a vantagem de ser muito pequenos”. Sanguinetti citou o exemplo de Fernando Henri-

que. “São ex-presidentes muito decorativos, por sua inteligência, por sua trajetória intelectual e política, mas que não sabem muito bem onde ficar.” Por isso, continuou o ex-presidente uruguaio, a existência de fundações como o iFHC representa um avanço. “Na vida cotidiana os políticos discutem normalmente o que é mais urgente, nem sempre o que é mais importante”, afirmou Sanguinetti.

Futuro - “É a fundação”, prosseguiu ele, “não é para discutir a urgência do dia, mas as grandes coisas, como nossas perspectivas e o que será de nossa sociedade nos próximos anos nesse mundo glo-

bal.” Ainda segundo o político uruguaio, é possível construir novas formas de participação para os ex-presidentes. “Todos os dias ficamos discutindo o que disse fulano ou que respondeu o outro e, às vezes, não vemos a História passar”, acrescentou o ex-presidente uruguaio.

Ele lembrou, por exemplo, o fim da guerra fria. “Um dia terminou a guerra fria e nós, preocupados em colocar um rótulo nesse que era da KGB ou naquele que era da CIA, não vimos que o mundo havia mudado e que uma revolução tenológica em curso.”

Também para o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, o instituto é uma

tentativa de contornar uma situação clássica do ex-presidente no Brasil: “Ou um silêncio perpétuo ou, então, uma volta às atividades político-partidárias.” Já o ex-primeiro ministro de Portugal, António Guterres, anotou que a reunião significava uma tentativa de inverter a doutrina Bush e buscar uma nova ordem mundial por meio de uma globalização mais solidária e interdependente.

“A doutrina Bush é de dizer: quem não está conosco está contra nós”, avaliou Guterres. “Pois acho que devemos pôr as coisas exatamente ao contrário. É dizer: quem não está contra nós está conosco. E acho que todos aqui estamos do mesmo lado”, considerou o líder português. Para selar o tom ecumênico do encontro, Guterres acrescentou: “É creio que o atual governo brasileiro também.”

SÃO 'COMO
GRANDES
VASOS
CHINESES'